

LEANDRO G. DE CARRO

A VISÃO E ANTONIO SILVINO



1929-1931



A VISÃO E

Antonio Silvino



Me contou um sertanejo
homem sério e muito exato
que Antonio Silvino lhe disse
estando uma noite no matto
viu uma scena que ainda
sente falar deste facto.

Era uma noite medonha
de chuva, vento e trovão,
era um theatro de horror
n'uma enorme solidão,
cordas de fogo desciam
do espaço até ao chão.

Gemia o vento nas grifas
as cascavés chocalhavam,
os tigres dentro das covas
amedrontados rosnavam,
ao estalar dos trovões
as corujas se espantavam.

Era entre duas serras
essa horrenda travessia,
só um Antonio Silvino
de noite alli não temia,
atravessava-a de noite
como se fosse de dia.

Muito mal via-se um trilho
num matto muito fechado
muitas pessoas d'alli
de dia tinham errado.
porque só passava lá
raposa, onça e veado.

Nessa noite ia Silvino
junto com os companheiros,
rapazes de confiança
robustos e muito ligeiros
era mesmo que levar
seis couraçados guerreiros.

Logo que entraram na gruta
deu o primeiro trovão
e um relampago encheu
a gruta de vão a vão
deixando elles depois
em completa escuridão.

Silvino ahi disse ao grupo :
—corra quem quizer correr,
não é pequeno o perigo
se alguém teme de morrer
procure furnas de pedras •
e trate de se esconder.

Disseram todos do grupo :
de nós não ha quem se esconda
tudo aqui gosta de ouvir
quando grande trovão estronda
nos recorda aquella noite
que ataquemos aquella ronda

Disse Silvino : pois bem !
visto estarem com coragem
já estamos todos molhados
não se interrompe a viagem,
esperar-se pelo frio
nós não levamos vantagem !

Seguiram na escuridão,
a chuva grossa cahia,
então Antonio Silvino
a todos fazendo guia,
o grupo perdeu-se d'elle
por uma errada que havia.

Sentiu-se Silvino só
na entrada de um rochedo,
pelo som de uma corneta
que troava no penedo,
foi essa a primeira vez
que Silvino teve medo.

Silvino se viu perdido
entre aquelles dois oiteiros,
as estrellas sucumbidas
pelos grossos nevoeiros,
sem elle poder ao menos
gritar pelos companheiros.

Pensou que se dêsse um tiro
o grupo podia ouvir,
ainda com sacrificio
qualquer um ia acudir,
mas podia o inimigo
em lugar do grupo vir.

Depois pensava ao contrario
porque naquelle deserto
seus inimigos andavam
e podiam estar bem perto,
pegar o rifle e partir
seria o plano mais certo.

Ouviu um écho espantoso
que retumbava na serra
dizendo : soldados mortos
chegae á face da terra
provae que depois de mortos
inda são homens p'ra guerra.

Ahi elle virou-se e viu
um batalhão de soldados
mas eram só esqueletos
com ossos ensanguentados,
viu bem dois officiaes
com seus sabres empunhados.

Mettia terror elle olhar
para aquelles esqueletos,
os ossos agigantados,
os dentes grandes e pretos,
só parecia que tinham
as boccas cheias de espetos.

Revestido de coragem
disse : fale quem está lá !...
conheceu logo Mauricio
e Nicacio do Trapiá
e um sargento de policia
que elle matou no Ingá.

Disse o alferes Mauricio :
—dá-me esse rifle, assassino...
Silvino então respondeu :
—eu ainda era menino ;
já fazia sachristão
dormir na corda do sino.

E Nicacio lhe falou
Dizendo : estás enganado !
eu vivo fui inspector
e morto sou delegado,
venho aqui com carta branca
lovo-o morto ou amarrado.

Disse Silvino : aqui trago
munição que atiro um mez,
a noite está perigosa
estou só, como bem vês,
porém bato mão ao rifle
inda te mato outra vez...

E tudo já me conhece
sabe que não faço graça,
onde apontar o meu rifle
nem mesmo o diabo passa,
se passar e tiver alma
ve ella ir na fumaça.

Olhou e rangiu os dentes
Nicacio do Trapiá,
então Mauricio gritou
ao sargento do Ingá :
—vamos carregal-o vivo,
Deus se quizer solte-o lá.

Silvino atirou-lhe logo
antes do vulto partir,
e o esqueleto pegou
a bala logo ao sahir,
jogou ao pé de Silvino
e depois poz-se a sorrir.

Silvino disse em vóz alta :
mate, que mata um estrompa,
o dia da minha morte
é dia de grande pompa ;
atiro até no diabo
embora a balla não rompa.

Disse um dos esqueletos :
—eu estou certificado
que nem mesmo no inferno
tem quem mate esse damnado,
digam lá o que disserem
esse!... sò sendo encantado.

Disse Silvino aos phantasmas :
—eu vivo por atrevido,
felizmente até hoje
tenho a tudo resistido,
dos vivos sou emboscado
dos mortos sou perseguido.

Porém já sei — é da sorte
não tenho mais que apellar,
até o proprio diabo
querendo póde chegar,
em quanto eu mover o braço
garanto não afrouxar.

Nisso chega um vulto preto
com ossos ensanguentados,
rangindo uns dentes agudos
com dedos grandes vergados,
gritou aos outros phantasmas :
—não esmoreçam, soldados.

Antonio Silvino disse :
—quer um rifle tome o meu
eu dou a quem está vivo
quanto mais a quem morreu,
todos quanto estão aqui
já bem sabem quem sou eu.

Os vultos eram medonhos
soltavam gritos e gemiam
vomitavam chammãs negras
seus proprios ossos mordiam,
botavam as linguas de fóra
que sobre a terra cahiam.

Os trovões naquella hora
dobravam seus estampidos,
os morcegos se agitavam
pelos ares espavoridos,
os relampagos faiscavam
deixavam os mattos coloridos.

Antonio Silvino ali
a pé firme conservou-se,
quando um vulto agigantado
de repente apresentou-se,
nisso estalou um trovão
que a terra toda abalou-se.

O vulto disse: «Silvino
eu sou um teu inimigo,
venho da eternidade
sómente acabar contigo ...»
Antonio Silvino disse:
—desgraça não é perigo.

Os vultos todos partiram,
Silvino se preparou,
meteu o facão no vulto
o vulto nem se importou,
uma grande gargalhada
aquelle vulto soltou

A terra deu um estalo
que rebôou no oiteiro,
fez uma fenda na terra
e surgiu um cavalleiro
num cavallo magro e preto
mostrando ser bem ligeiro.

Trazia um punhal de fogo
sobre um lado da cintura,
cavalgando em um cavallo
que tinha horrenda figura
sem cabello e tinha a pelle
mais preta que a noite escura

O cavallo tinha á bocca
a forma de uma serpente
e naquella enorme bocca
não tinha um unico dente
trez linguas muito vermelhas
cor de fogo muito quente.

O cavalleiro trazia,
uma espada n'uma mão,
e no copo da espada
tinha enxofre e alcatrão,
uma serpente de fogo
servindo de cinturão.

Fuzilou outro trovão
que o mundo todo zuniu,
da faisca do relampago
outro esqueleto cahiu,
de todos que estavam alli
um abraçou-o e sorriu,

Antonio Silvino então
prestava toda attenção
por traz de um vulto d'aquelles
viu erguer-se um grande cão,
Antonio Silvino alli
puchou por uma oração.

Nesse momento o cavallo
d'alli desapareceu,
o cachorro deu trez uivos,
na terra se soverteu.
um daquelles esqueletos
sortou um grito e correu.

Antonio Silvino ali
não tinha por quem gritar
chamou por Nossa Senhora
viu tudo, emfim, se afastar
mas elle ficou de fórma
que não podia falar.

Perguntava elle a si mesmo:
«como foi que escapei?
aquelles vultos enormes
como foi que eu espantei?
daquelle grande perigo
não sei como me livre!

«Quem os teria mandado?
onde estarão habitando?
em vida me perseguiram
mortos estão me aperriando,
mas são viagens perdidas
que elles no mundo estão dando

Não passaram dez minutos
outra corneta tocou,
outro grupo de esqueletos
a elle se apresentou
e alli se encontraram
todos quantos elle matou

Duzentos e trinta vultos
vinham nessa ocasião,
só tinham perfeitos os rostos
nem um mudou de feição
cada um daquelles vultos
trazia uma luz na mão.

Todos fitavam Silvino
querendo o ameaçar
dizendo: minha existencia
que não a pude gosar,
tu me tirastes a vida
hoje hei de me vingar

Dizia Antonio Silvino:
eu não tenho o que fazer,
vocos vinham me matar
eu não queria morrer,
quem vem dar leva seu sacco
isso não tem que saber

Um vulto partiu a elle
e passou-lhe uma rasteira,
Silvino meteu-lhe o braço
quasi lhe quebra a caveira
e disse: até o diabo
vindo a mim perde a carreira

Os vultos todos partiram
uns gritando outros gemendo
mostrando todas as chagas
com sangue preto correndo,
então os vultos rosnavam
como quem estava mordendo.

Alli Antonio Silvino
botou a vida de um lado
e disse: pôde vir tudo,
agora estou animado,
venham esses diabos todos
deixem o inferno trancado

Venham todos do inferno
deixem limpo o territorio,
se fôr pouco vão chamar
os que tem no purgatorio,
convidem todos os mortos
peçam-lhe um adjutorio.

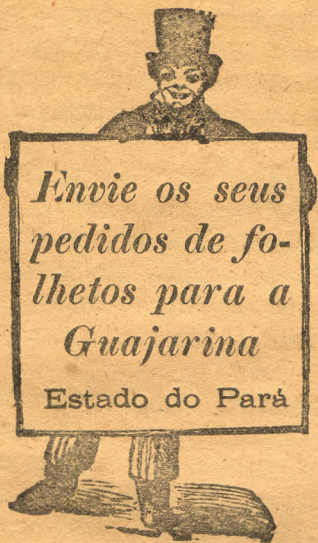
Eu só respeito os do ceu
no mais tudo pôde vir,
não escolho em quem atiro,
quem quizer pôde partir
até no proprio diabo
se eu atirar vejo cair.

Estou só, com fome e frio
com essa noite de inverno
cercado aqui por um grupo
que vem do paiz eterno,
minha alma ainda se atreve
botar abaixo o inferno...

Ahi sumiram-se os vultos,
ficou Silvino sentado,
adormeceu alli mesmo
as armas todas de um lado,
acordou no outro dia
já o sol tinha alteado.

Foi quando o pessoal delle
acharam onde elle estava,
que desde a meia noite
que tudo se lastimava,
não havia uma pessoa
que soubesse onde elle estava.

Ficou Antonio Silvino
temido dessa caipóra
e um dia viu um alferes
lembrou-se na mesma hora,
avançou lhe nas orelhas
inda tirou, lhe uma fora.



*Envie os seus
pedidos de fo-
lhetos para a
Guajarina*

Estado do Pará

GUAÇARINA

Officinas Graphicas movidas
a electricidade
de **Francoisco Lopes**

Unica editora das obras do saudoso *folhonorista* Firmino Teixeira do Amaral e dos applaudidos poetas Apollinario Souza^t Zè Vicente, Thadeu de Serpa Martins e muitos outros:

Remettemos pelo Correio qualquer quantidade de folhetos, vindo os pedidos acompanhados das respectivas importancias

SEMPRE NOVIDADES

São nossos agentes:

Em RIO BRANCO (Acre)—Manoel Rodrigues

Em MANAUS — Livraria do Mercado e Livraria do Povo—Rua Marquez de Santa Cruz, 45.

Em MARABA'—José Bandeira de Souza

Em SAO LUIZ (Maranhão) —Valentim Maia, Rua Affonso Penna, 9-A

Em TREZIDELLA (Caxias)—Elias Coelho de Rezende.

Em THEREZINA—Gonçalo P. de Miranda.

Em BOA VISTA (Fardlandia) — Zacharias Uchja.

EM FORTALEZA —F. Mozart de Andrade— Casa das Redes—rua Senador Aienar, 70

Em NATAL (R.G.do Norte)—Ramos & Irmão —A *Parahybana*—rua Dr. Barata, 197

Em SAO PAULO (Rio Potengy-Rio Grande do Norte)—Antonio Lopez Sobrinho.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).